

KULTURA

ANO VI - N.º 63 - TERÇA-FEIRA, 23 DE JANEIRO DE 2024

DOC SERVIDÃO

"ABOLIÇÃO JÁ! A
OUTRA NÃO VALEU",
É A CHAMADA DE
"SERVIDÃO", NOVO
DOCUMENTÁRIO DE
RENATO BARBIERI
SOBRE O TRABALHO
ESCRAVO
CONTEMPORÂNEO
COM FOCO NA
AMAZÔNIA
BRASILEIRA, QUE
CHEGA AOS CINEMAS
DIA 25 DE JANEIRO



SEO DITO

BAR GASTRONÔMICO



FILME SEGREDO DE UM ESCÂNDALO

EM CARTAZ NO RESERVA CULTURAL - 18

ROBERTO DENSER - 3

MESTRAS - 13

SÃO PAULO QUADRO A QUADRO - 19

CORTELLA E PHILÓ - 25

CAPA - SERVIDÃO - 32

RETRATO DE UM CERTO ORIENTE - 36

SP 470 ANOS - 39



KULTURA

Editor: Maurício Araújo

REVISTA KULTURA

Redação e publicidade:

Rua Luzia Brilha Campos, 110, Centro, Mairiporã/SP

11 4419-0642/ 99529-2619 / kultura@digitaltvmidia.com.br

Reportagem: Daiene Faro Editoração eletrônica: Beatriz Campos

Colaboradores: Italo Medeiros e Tarcílio de Souza Barros.

ROBERTO DENSER

DARKSIDE



Foto: Reprodução

Roberto Denser tem uma visão única sobre a função do terror e da violência na ficção, em contraste a uma realidade muitas vezes mais aterrozante. Em *Colapso*, lançamento da Caveira, ele imagina uma distopia brutal, repleta de camadas e um mundo onde a moralidade também está em ruínas.

Em entrevista, Denser comenta so-

bre sua trajetória, sua vida pessoal, literatura e influências para sua obra. Conheça a visão deste autor singular.

Antes de começarmos nossa chuva de perguntas, gostaríamos de desejar boas-vindas; é um prazer enorme poder entrevistar o autor de um livro tão impactante quanto *Colapso*. Sabemos que você já fez de tudo um pouco na vida, de açougueiro a

acadêmico de Direito, e de vendedor de sandálias magnéticas a escritor. Você consegue se lembrar de quando surgiu seu interesse pelo gênero horror?

Muito obrigado! Para mim é uma verdadeira honra publicar por esta casa que leio e admiro desde que surgiu no mercado, então não estou exagerando quando digo que o prazer é todíssimo

meu. Sim, é verdade, minha vida tem sido meio maluca mais ou menos desde antes do meu nascimento (risos): minha mãe e meu pai tinham 14 e 16 anos, respectivamente, quando se casaram, ambos eram oriundos de famílias muito pobres e desestruturadas. Nós não tínhamos casa e chegamos a morar de favor na casa de uma tia.

E essa foi uma das melhores épocas da minha vida, eu realmente amo aquele lugar e quase tudo o que vivi ali, os amigos que fiz e que preservo até hoje, alguns desde a mais tenra infância. Uma infância, literalmente, de pé no chão, sabe? Tibiri, bairro onde passei a infância, era cheio de casas entregues pelo governo com o objetivo de frear um pouco o êxodo dos trabalhadores para o sudeste. As pessoas daquele lugar me inspiram até hoje e no contexto no qual cresci, o horror da ficção se tornou uma espécie de fuga do horror da realidade. Para não correr o risco de dar uma resposta mais longa do que o bom senso exige, houve um curto período no qual trabalhei como vendedor ambulante de sandálias magnéticas (uma experiência da qual dou boas risadas até hoje); depois voltei pro açougue (onde já tinha trabalhado na infância), fiz um supletivo para concluir o Ensino Fundamental, estudei o Médio regular, fundei um jornal escolar com um amigo chamado Toupeira, passei no vestibular para a faculdade de Letras, dei aula em cursinho, larguei a faculdade de Letras, fui morar em Natal, no Rio Grande do Norte, onde trabalhei numa transportadora de valores, depois voltei para a Paraíba, passei na faculdade de Direito, um curso que concluí no piloto automático. Fui noivo e levei um pé na

bunda, depois conheci minha esposa pela Internet (no Skoob, pasme, e o que nos aproximou foi a quantidade absurda de leituras em comum) e resolvi largar tudo e me mandar pra cidade maravilhosa. Aqui no Rio trabalhei como livreiro uns bons anos e me tornei pai de duas crianças maravilhosas. Depois mais um plot twist: fui demitido e escrevi Colapso. Uma coisa curiosa sobre isso é que quando eu estava saindo da livraria, com a cabeça baixa e lágrimas nos olhos, um colega perguntou se eu planejava voltar pra livraria algum dia. “Só como escritor”, respondi meio sem pensar, e só voltei a lembrar disso quando assinei contrato com a Dark. Acho que eu estava certo.

Existe um tom de saudosismo em alguns trechos de Colapso, quase uma tristeza inerente nos adultos e uma espécie de leveza nos mais jovens, como se o sentimento pertencesse ao mesmo tempo ao livro e ao autor. Como as dificuldades da vida adulta e as lembranças de uma infância menos hostil entraram na composição desse livro?

O que eu penso é que os mais jovens ainda não viram nada, e os mais velhos já viram o bastante. É por isso que os jovens são leves e ousados, e os velhos são tristes e cautelosos. E sim, isso é algo que tirei um pouco da minha própria experiência e coloquei no livro. Eu, que já fui um jovem cheio de ousadia e leveza, hoje sou um velho triste e cauteloso (ou pelo menos é como me sinto).

Seus personagens são bastante reais, palpáveis como gente de carne e osso. Você acredita que todo bem

possua uma fração de maldade e vice-versa? De que forma o ambiente devastado de Colapso influenciou a moralidade de seus personagens? O que seria a moralidade no universo de Colapso?

Eu acho que há muitas morais em Colapso, e elas são frutos inevitáveis da experiência individual de cada um dos personagens. Ali há a moral do lobo e a moral do cordeiro, mas também há a moral do leão, do urubu e do rato. Há personagens que se tornaram maus, há personagens que se tornaram bons, há personagens resignados e que aceitam ou preservam a vida que têm, e há personagens que buscam algo (às vezes indefinido), ou que cultivam ideais num mundo onde ideais já não fazem tanto sentido. Acho que se precisasse simplificar a ideia, seria algo como: não há ninguém em Colapso, NINGUÉM, que possa ser definido como 100% seja lá o que for, embora exista, sim, uma certa “moralidade genérica” que foi, no final das contas, consequência de tudo o que a sociedade teve que atravessar em seu ocaso para chegar até aquele contexto, ou seja: uma moralidade residual.

Como devotos do horror, nós apreciamos muito bons bocados de sangue. Na sua opinião, existe ou deveria existir um limite de violência a ser descrita em um livro? É possível que o excesso de carnificina jogue contra o autor?

Olha, eu realmente acredito que o sangue numa história de horror é um dos elementos “sine qua non”, sem os quais não pode ser, como dizemos no Direito. Não acho que deveriam existir limites da violência em uma história dessa natureza. O leitor precisa ter em

mente que aquilo é uma história de ficção, que embora os personagens estejam em perigo, ele, o leitor, está seguro. E que os personagens só existem na cabeça do autor e seus leitores. Se pudéssemos limitar a violência, nós optaríamos por fazer isso na ficção ou na vida real? Acho que ninguém ficaria na dúvida ao responder essa questão. O que acontece é que às vezes parece que rola uma inversão: as pessoas almoçam e jantam deslumbradas diante dos programas de TV carnicieiros, leem com deleite a matéria sobre a chacina da semana, lotam os enterros de vítimas de mortes violentas, mas quando

se trata de ficção a violência se torna intolerável? O que seria isso senão mais um dos frutos da nossa hipocrisia social? Quanto a excessos, bom, eu não acredito muito neles. Acho que o que pode ser considerado excessivo é tão relativo que isso acaba se tornando como sal na comida, para utilizar um velho clichê como paralelo: a quantidade agradável depende não só do tipo de comida que você está preparando, mas também de quem está comendo. Em Colapso, por exemplo, eu costumo bater na tecla de que peguei muito leve. De que se um contexto daqueles se concretizasse na realidade, o negó-

cio seria muito, MUITO mais cabeludo. E como eu cheguei a essa conclusão? Não há absolutamente nenhuma espécie de violência em Colapso que não possua equivalentes muito piores do lado de cá da página, no mundo real, e, veja só, aqui há regras a serem cumpridas, certo? Qualquer um que tenha a menor dúvida a esse respeito deveria dar uma folheada nas histórias das guerras humanas (só pra começar).

Quem são seus grandes heróis e heroínas na escrita? Existe um ou mais autores que tenham norteado irreversivelmente sua maneira

Foto: Reprodução



de criar histórias?

Eu tenho predileção pelos autores do tipo “contadores de histórias”, que, como eu, preferem focar no enredo e nos personagens, mas costumo ler de tudo. Alguns dos autores que mais me influenciaram e que amo até hoje com reverência são Stephen King, Cormac McCarthy, Roberto Bolaño, Clive Barker, Graciliano Ramos, Michel Houellebecq (este pela coragem de escrever coisas absurdas que ninguém mais teria coragem, e por escrevê-las tão bem), Faulkner, Margaret Atwood, Raymond Carver, Toni Morrison, Hemingway e a insuperável contista Flannery O’Connor.

Depois da pandemia de covid-19 o fantasma de um mundo apocalíptico voltou a nos assombrar com força total. Você acredita que em um futuro sombrio o universo presente em Colapso possa se manifestar? Existiu muita pesquisa na composição desse livro?

Eu acredito que a humanidade está sempre “à beira do colapso”. É como se o colapso (seja político, econômico, climático ou mesmo social) fosse uma espécie de “espada de Dâmocles” sobre a cabeça imaginária da humanidade. Então eu não sou lá a pessoa mais otimista do mundo em relação ao futuro. Eu acho que basta um azar grande o suficiente pra que tudo desmorone. Quanto à pesquisa, o fato de que eu sempre fui um grande leitor de livros de divulgação científica acabou ajudando bastante a conceber um dos cenários possíveis. Então houve, sim, uma pesquisa, mas não foi muito exaustiva e se deu mais durante a escrita, sobretudo pra verificar uma ou outra questão específica.

É nítido que o cinema está prestando de novos títulos e, ainda assim, a indústria parece preferir a segurança dos remakes. O ambiente distópico de Colapso me parece bastante promissor a uma adaptação. Existe o desejo de tê-lo adaptado para as telas? Como você enxerga esse caminho tendo em vista o mercado atual?

Ah, certamente! Não seria a realização apenas de um desejo, mas também de um sonho, embora eu pense mais em Colapso como uma “série” do que como um “filme”. Digo isso porque acredito que um filme se atrapalharia com o desenvolvimento de alguns elementos (por causa de tempo disponível mesmo). De qualquer forma, acho que o mercado audiovisual se encontra em um bom momento e está claramente em ascensão, de modo que quero cultivar a esperança de que isso acontecerá em algum momento.

Existe uma questão interessante em relação aos personagens femininos de seu livro. Sepor um lado muitas mulheres estão em situação de dor e desamparo, em outros momentos são elas que estão promovendo o sofrimento aos demais. Até que ponto questões de gênero debatidas à exaustão nas redes sociais influenciaram seu livro? Existiu essa influência ou o desejo consciente de abordar esses temas? Ou tudo o que ocorre em Colapso foi um trabalho puramente ficcional, uma consequência social de um ambiente que perdeu todas as rédeas?

O grande estalo para uma das questões mais delicadas do livro foi

nada mais nada menos do que a soma de duas observações: primeiro, a de que no Brasil, em média, duas mulheres são violentadas a cada minuto. Segundo, que isso acontece hoje, em pleno estado de Direito, com leis, poder de polícia, valores morais relativamente sólidos, ampla reprovação social (que alcança inclusive o sistema carcerário!). Então na época em que eu escrevia Colapso, a seguinte percepção atravessou minha mente: “Se esse tipo de coisa acontece hoje, em pleno estado dito civilizado, o que não aconteceria num contexto onde todas as bases da civilização estão ABSOLUTAMENTE ausentes ou corrompidas?”. Óbvio que percebi que a situação seria terrível, e a consequência direta dessa percepção foi outra, ainda mais clara: a de que, inevitavelmente, haveria uma reação, uma resistência, uma força em sentido contrário. Eu não pensei em discussões nas redes sociais, e nem foi um “desejo consciente de abordar o tema”. Foi mais uma consequência do que no meu entendimento seria plausível naquele contexto. Como era algo que fortalecia a história (e eu, repito, sou um escritor para o qual a história e os personagens são a GRANDE prioridade), não hesitei em abordar a questão.

Na sua opinião, qual a função da literatura de horror? Existe algo nessa modalidade literária tão mal interpretada que extrapole o mero entretenimento e possa contribuir para a vida das pessoas?

Eu acho que a literatura de horror é uma espécie de sublimação, mas não num sentido estritamente freudiano justamente porque extrapola a realização individual do autor para atin-

gir alguns centros nervosos do leitor e, quem sabe, alertá-lo de algo acerca do qual ele certamente iria querer estar preparado. É como ouvi certa vez o Sidarta Ribeiro falar sobre os pesadelos: servem para nos alertar acerca de possíveis perigos futuros.

Para escrever é preciso ler, e sabemos que você também esteve do outro lado das trincheiras, como livreiro. Como esse conhecimento do mercado e dos consumidores de literatura ajudaram em seu trabalho como escritor?

O meu tipo de recomendação de leitura preferido e que funciona melhor é, de longe, a recomendação do tipo “leitor apaixonado”. Sabe quando alguém te recomenda um livro com um brilho nos olhos? Pois bem, enquanto livreiro eu tive incontáveis oportunidades de trocar esse tipo de experiência diretamente, seja de modo passivo ou ativo, com todo tipo de leitor. Também tive um clube de leitura onde cresci e melhorei bastante como leitor justamente analisando e discutindo outras percepções sobre um mesmo livro. Não posso deixar de lado o fato de que o trabalho em livraria também me ajudou a entender melhor o mercado. Tudo isso, inevitavelmente, ajudou e ajuda meu trabalho como escritor.

Além de uma máquina de escrever, você também é pai, e, até onde sabemos, um excelente pai. Como é conciliar o dia a dia de um escritor de horror duro-na-queda com o cotidiano de um pai de família?

(Risos). Eu amo ser pai e amo meus filhos. Acho que eles me tornam uma pessoa melhor em inúmeros sentidos e

às vezes nem me sinto digno do amor deles, que é tão puro e tão dedicado. Não sei, mas talvez muitos pais também se sintam assim, é parecido com aqueles momentos quando a gente pensa “meu Deus, essas crianças são tão puras e esse mundo é tão cruel, simplesmente não é justo que...”. Um dos motivos pelos quais priorizo trabalhos domésticos é justamente para poder ficar o maior tempo possível próximo deles, mas, naturalmente, eles não são lá grandes ajudantes no momento da escrita (risos), motivo pelo qual prefiro escrever ou quando estão dormindo, quando estão na escola ou quando estão com a mãe ou a avó.

Não queremos pecar com spoilers, mas mesmo o brutal Colapso vez ou outra nos presenteia com algumas notas de esperança. Existe uma leveza, principalmente nas passagens mais solitárias de alguns personagens. Você acredita que a solidão, um certo isolamento social possa ser algo positivo nos dias de hoje? O que na atualidade torna o mundo violento?

Eu acredito que momentos de introspecção e meditação são ótimos não apenas para escritores, mas para todo mundo. Sabe aquela caminhada solitária numa praia deserta, os pés descalços, olhando o horizonte e sem pensar em nada específico, mas ao mesmo tempo obtendo revelações acerca de todos os mistérios do mundo? Todos nós já tivemos momentos assim, certo? Mesmo que não necessariamente numa praia deserta ou não necessariamente de pés descalços (risos). Momentos assim são importantes, sempre foram e sempre vão ser, e todo mundo deveria

buscá-los de vez em quando.

O que na atualidade torna o mundo violento? Não saberia apontar um elemento absoluto e que esgote a discussão, mas tenho uma tendência a pensar que a própria natureza humana é cheia de defeitos. Vou te contar uma história curtinha: certa vez um cara super gente boa, sem nenhum histórico de violência e amado por todos que o conheciam, chegou em casa e matou a família inteira a machadadas. Depois foi passear com o cachorro, ainda banhado em sangue, como se nada tivesse acontecido. É o tipo de coisa que faz com que a gente se pergunte: o que diabos aconteceu? Por que ele fez isso? O caso é que ele tinha um tumor no cérebro do tamanho de uma limada-pérsia que estava pressionando a região do cérebro responsável pelo controle dos impulsos. Complicado, né? Fico me perguntando como deveríamos julgar esse tipo de coisa.

Algumas palavras para nossos leitores, que agora serão os seus?

Ah, eu fico tentado a citar Dante a todos que irão atravessar as páginas vermelhas desse universo (“Ó, vós que entraís, abandonai toda a esperança”), mas a verdade é que a mensagem não é bem essa. É preciso cultivar a esperança, mesmo quando atravessamos o inferno (e talvez principalmente nesses momentos), e eu acredito mesmo nisso. Quanto ao mais, espero que se divirtam e tenham uma boa experiência de leitura, que este livro lhes seja uma companhia agradável e que, se possível, perdoem os eventuais deslizos do seu autor.

Fonte: <https://darkside.blog.br/roberto-denser-a-humanidade-esta-sempre-a-beira-do-colapso/>

QUATRO CLÁSSICOS

REDAÇÃO

Janeiro é o mês ideal para quem busca leituras clássicas que resgatam memórias afetivas e que promovem grandes reflexões. A Buzz Editora tem uma seleção especial que certamente vai encantar os apaixonados por grandes obras que marcaram a vida de milhões de pessoas: O Grande Gatsby, A Arte da Guerra, Fazenda dos Animais e 1984, de George Orwell.

Confira os detalhes de cada obra.

O Grande Gatsby

Depois de receber um convite para uma festa luxuosa e extravagante em Long Island, Nick Carraway, um jovem solteiro que acaba de se mudar para Nova York, fica curioso a respeito do anfitrião, o misterioso Jay Gatsby. Excêntrico, porém reservado, Gatsby é um self-made man cujo passado é desconhecido e com negócios obscuros. À medida que Nick e Gatsby começam uma amizade improvável, Nick descobre que nem tudo que reluz é ouro, e que tudo o que seu vizinho mais quer na vida é recuperar o amor de Daisy, prima de Nick.

Considerado a obra-prima de Scott F. Fitzgerald, O grande Gatsby retrata os

“loucos anos 20”, período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, e conduz o leitor pelo universo brilhante e frívolo de Daisy, de seu marido, Tom Buchanan, e de Gatsby, com todo o mistério que o rodeia.

Publicado originalmente em 10 de abril de 1925, O grande Gatsby descreve os excessos, as fantasias e a decadência das personagens de Fitzgerald, e é uma crítica atemporal ao sonho americano.

Nesta nova edição, a tradução pri-

Foto: Reprodução



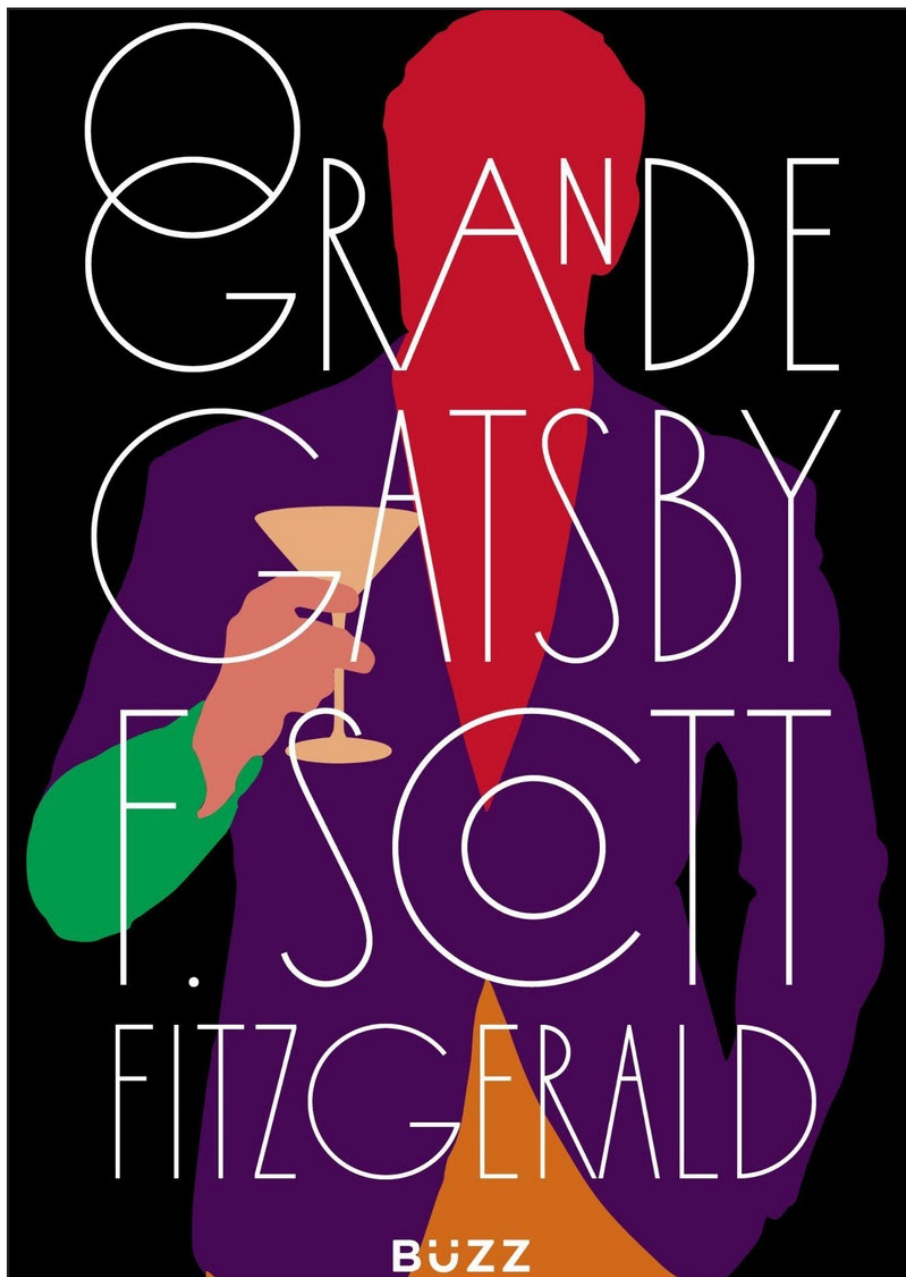


Foto: Reprodução

morosa de Bruno Cobalchini Mattos é fiel à espontaneidade e à sutileza de Fitzgerald, que desvela pouco a pouco a desilusão de seu herói, Jay Gatsby.

A Arte da Guerra

Em 7 de novembro de 1991, Mauro Borges primeiro DJ brasileiro (e talvez do mundo...) a posar nu para uma revista, a G Magazine.

Escrito originalmente como um manual de estratégia militar, seu alcance expandiu-se para diversas áreas, das práticas corporativas ao treinamento de equipes, desde que foram feitas as

primeiras traduções para o Ocidente há pouco mais de 200 anos. Dividido em 13 capítulos ou estratégias, A arte da guerra nos ensina valiosas lições de gestão e liderança através da análise da atuação ideal de um exército. O leitor descobrirá aqui, dentre outras coisas, a importância de delegar tarefas, pois isto “pode descobrir talentos ao usar a ambição dos soldados”, ou ainda o poder de um objetivo comum, já que “vencerá aquele que tem as tropas unidas por um propósito”. Pode parecer surpreendente, mas A arte da guerra revela táticas que na verdade pretendem abreviar a guerra em si, ou ainda

mesmo criar condições para conseguir uma vitória sem sequer enfrentar uma batalha. A principal ‘arma’ empregada por Sun Tzu é a aplicação do princípio do contrário, ou seja, utilizar-se de estratégias em que você mostra sempre o contrário do que pretende. Só assim se consegue uma vitória rápida, graças à surpresa dos adversários. Esta edição foi traduzida diretamente do chinês. Um livro inesgotável.

1984

Após uma guerra devastadora o mundo é dividido em três superpotências: Eurásia, Lestásia e Oceânia. Esta última é comandada pelo Grande Irmão, um ditador cujo governo observa dia e noite todos os habitantes do país, impedindo-os de cometerem crimes como o amor e o pensamento livre. Vivendo sobre essa ditadura distópica, acompanhamos Winston Smith, um funcionário do Ministério da Verdade que sonha com um mundo livre das amarras do Grande Irmão. Sua vida é completamente transformada ao conhecer Julia, uma mulher que deseja se juntar ao grupo de resistência e se une a Winston em busca dos revolucionários.

Fazenda dos Animais

Os animais da Fazenda do Solar se revoltam contra as injustiças e explorações causadas pelos humanos. Visando construir uma sociedade igualitária e justa para todos os animais, estes seguem os princípios do Animalismo, filosofia que serviria de doutrina para que pudessem construir um mundo melhor para todos os bichos. Mas esse sonho é impedido pela tirania de Napoleão, um porco que usurpou o poder para si e tornou a vida dos animais ainda pior do que era quando regida pelos humanos.

HULDA BITTENCOURT

REDAÇÃO

Nascida em 28 de julho de 1934, Hulda Bittencourt (1934-2021) foi um marco na história da dança nacional. Fundadora do Estúdio de Ballet Cisne Negro, a artista também se destacou como empresária, coreógrafa e diretora artística da icônica companhia que completa 47 anos em 2024. Toda essa

trajetória de sucesso será lembrada na inédita Ocupação Hulda Bittencourt: Uma História com a Dança, em cartaz na Oficina Cultural Oswald de Andrade a partir de 25 de janeiro, quinta-feira, às 13h. A visitação acontece de segunda a sexta-feira, das 10h às 20h, e, aos sábados, das 12h às 18h, até 02 de março.

Com idealização e curadoria de Dany Bittencourt, diretora artística da Cisne Negro, e de Marco Prado – conhecido pela curadoria de equipamentos culturais e eventos como o Teatro Estadual de Araras e o FLIV (Festival Literário de Votuporanga) e o Circuito Cultural Paulista (que teve mais de 10 mil

Foto: Divulgação





Foto: Divulgação

apresentações em sua gestão), entre outros grandes projetos –, a grandiosa exposição ocupa o cineclube, o vão central da área de convivência, a galeria e o hall da Oficina. “Selecionamos mais de 100 peças, considerando vídeos, fotos, figurinos e partes de cenários, para contar a história dessa coreógrafa e bailarina e da jornada da Cisne Negro Cia de Dança. Não me lembro de ver outra exposição sobre o universo da dança com este tamanho, em São Paulo”, comenta Prado.

Uma prévia da ocupação pôde ser conferida durante o Festival de Dança de Joinville, em 2023, mas, na verdade, essa mostra ficou ainda mais robusta em São Paulo. “O público vai ver os troféus ganhados pela Hulda e pela Cisne Negro, descobrir informações sobre as coreo-

grafias criadas pela artista e pelos coreógrafos convidados, assistir a entrevistas especiais e ainda conferir acervos pessoais da artista”, acrescenta o curador.

Estarão reunidas fotos de Hulda com a família, durante seu casamento, junto a algumas de suas alunas e vestida para algumas de suas apresentações. Além disso, haverá trechos de diários, frases e uma cronologia com todas as conquistas da bailarina e de sua companhia. Entre os seus feitos, inclusive, destaca-se a primeira montagem de “O Quebra-Nozes” em São Paulo, tendo o espetáculo já em sua primeira exibição conquistado o prêmio da APCA como “Melhor Espetáculo do Ano”. Em 2023, a obra natalina completou 40 anos consecutivos de apresentações.

A Ocupação Hulda Bittencourt: Uma

História com a Dança tem apoio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, por meio da Poiesis.

Serviço

Ocupação Hulda Bittencourt: Uma História com a Dança

Abertura: Dia 25 de janeiro, quinta-feira, às 13h.

Visitação até 2 de março de 2024, segunda a sexta-feira, das 10h às 20h, e, aos sábados, das 12h às 18h.

Local: Oficina Cultural Oswald de Andrade - Rua Três Rios, 363 - Bom Retiro - São Paulo - SP

Fone: 11 3221 5558

A exposição contará com audiodescrição.

Entrada gratuita | Acessibilidade

MESTRAS

REDAÇÃO

O filme-documentário amazônida *Mestras*, que resgata composições, fazeres e histórias das chamadas “mestras da cultura popular”, estreia em breve no circuito dos festivais. A produção retrata mulheres que seguem produzindo, cantando, dançando e mobilizando comunidades em torno de tradições ancestrais, além de apresentar seu conhecimento e cultura para as novas gerações.

A viagem documental e musical tem direção das artistas amazônidas Aíla e Roberta Carvalho (veja as biografias abaixo), que desenvolvem projetos

pioneiros no intercâmbio entre a região norte e o restante do país, e estão sempre conectadas com pautas feministas em suas trajetórias.

“Desde que nasci, a minha história é contada por protagonistas mulheres. Fui criada por duas tias-avós e por minha mãe, e isso sempre me conectou com o feminino como referência de força, coragem e inspiração. Quando imaginei esse documentário, me vi em busca de visibilizar mulheres que foram apagadas da história da música da Amazônia, da música brasileira, *Mestras da música*. E

isso em algum lugar me fez lembrar as histórias das minhas matriarcas, que também são mestras da vida. Mulheres em busca de outras mulheres, isso por si só já é revolucionário, né?”, declara a cantora Aíla.

Compositora e diretora artística, Aíla também é responsável pela narração de *Mestras*. Ao contar histórias de sua mãe e avó, que partiu nas águas de uma Amazônia Atlântica pouco conhecida e, ao apresentar o próprio passado, presta reverência às mestras ancestrais da música e da vida, mantendo aceso este

Foto: Reprodução



legado.

O documentário musical passeia por vertentes sonoras distintas da música do Pará – como o samba de cacete, com a Mestra Iolanda do Pilão, o boi, com a Mestra Miloca, e o carimbó, com a Mestra Bigica, do grupo Sereia do Mar. Em sua pesquisa, as diretoras mapearam diversas mestras da música do Pará, omitidas nos registros da música brasileira – o que reforça o quanto a história, de maneira geral, é contada por protagonistas homens, que pontificam em todos os setores, das artes à política. A cantora Dona Onete participa contando episódios significativos de sua história: ela gravou o primeiro disco aos 73 anos de idade e é hoje uma das referências da música paraense no Brasil e no mundo.

“As intervenções artísticas com projeção foram um elemento importante da narrativa. Projetar as imagens das

Foto: Reprodução

Mestras em grande formato em suas cidades de origem foi uma forma de homenageá-las e de criar uma conexão emocional única entre suas histórias e o ambiente ao redor, imprimindo uma experiência visual e sensorial para o filme”, afirma Roberta Carvalho.

“Ao iluminar os espaços com projeção das imagens das Mestras, o filme transcendeu as fronteiras da tela e mergulhou diretamente na relação com a comunidades dessas artistas, dimensionando suas formas, exaltando-as e simbolicamente erguendo monumentos vivos de suas existências fundamentais para nossa cultura”, completa.

O projeto conta o patrocínio da plataforma Natura Musical via Lei de Incentivo à Cultura Semear, Fundação Cultural do Pará, e Governo do Pará.

Sobre Aíla

Aíla é uma das principais vozes da

música contemporânea da Amazônia. Nascida na Terra Firme, periferia de Belém, é fundadora e diretora artística de festivais pioneiros na região norte, como o MANA, que destaca o protagonismo das mulheres no mercado da música, e o Amazônia Mapping, que integra intervenção urbana, música e artes visuais.

Em 2022, foi diretora musical da NAVE no Rock in Rio, que levou mais de 50 artistas amazônidas para o maior festival de música do mundo. Em 2023, assinou a direção musical, juntamente com Russo Passapusso, do espetáculo Pororoca, um ato em defesa da Amazônia, que aconteceu no Central Park, em Nova York (EUA), com transmissão pelo canal Multishow. Juntamente com a artista visual Roberta Carvalho, criou e assinou a direção artístico-musical da intervenção Amazônia: uma Experiência Imersiva, que aconteceu em Belém, durante a Cúpula da Amazônia, que reuniu presi-





Foto: Reprodução

dentes de vários países da Amazônia internacional, e posteriormente em uma re-apresentação na COP 28, em Dubai, para chefes de estado do mundo todo.

Aíla traz diversidade e inovação na sua trajetória; é cantora, compositora, diretora artística e musical. Com letras de amor ou falas diretas, envoltas pela música popular feita nas “bordas” do país, a artista instiga e faz vibrar. Entre referências sonoras e visuais que mesclam Pará e o mundo, ela também ecoa reflexões necessárias para o agora, como questões de gênero e feminismo. Com três discos lançados, milhões de plays nas plataformas de streaming, suas turnês já circularam em palcos emblemáticos, como Rock in Rio e Coala Festival.

Sobre Roberta de Carvalho

Roberta desenvolve trabalhos envolvendo linguagens visuais, audiovisual e

tecnológicas, transitando entre suportes como vídeo, filmes, vídeo clipes, intervenção urbana, projeção mapeada, realidades mistas, instalação e projetos interativos.

Formada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Pará, foi vencedora do Prêmio Funarte Mulheres nas Artes Visuais. Suas obras integram os acervos do Museu de Arte Contemporânea Casa das 11 Janelas (PA), Museu de Arte do Rio (MAR) e Museu da Universidade Federal do Pará. Além de artista, sua poética abrange atuações como artista-curadora e diretora artística em projetos que envolvem artes visuais, tecnologia e questões sobre o território amazônico. É criadora do Festival Amazônia Mapping, um projeto pioneiro de arte e tecnologia no Brasil.

No Rock in Rio 2022, foi diretora artística e curadora da NAVE, uma

instalação imersiva que levou mais de 50 artistas amazônidas para o maior festival de música do mundo. Foi diretora artística, criativa e visual de experiências imersivas como Amazônia, em Belém do Pará e na COP 28 em Dubai, além do projeto Pororoca, uma ação artística e cultural sobre a Amazônia que aconteceu na Times Square e no Central Park, em Nova York.

Ficha técnica

Direção: Aíla e Roberta Carvalho

Roteiro: Aíla, Carol Mattos e Roberta Carvalho

Edição e montagem: Adrianna Oliveira

Direção de fotografia: Thiago Pelaes

Trilha Sonora: Jade Guilhon, Sara Moraes e Luiz Pardal

Realização: 11:11 Arte

Patrocínio: Natura

XIRÊ DAS YABÁS

REDAÇÃO

O Museu da Diversidade Sexual (MDS), instituição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, celebra o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, lembrado nesta sexta-feira (21), com a mostra “Xirê das Yabás”. A

Foto: Reprodução

exposição, que fica em cartaz até 11 de março, é um convite a se pensar a cultura das religiões de matrizes afro-brasileiras com um recorte sensível de gênero, raça, sexualidade e o papel das mulheres africanas.

As obras apresentadas exploram a

estética e a simbologia das Yabás, orixás femininas da religião do Candomblé, a partir de diferentes perspectivas, como a fotografia, a pintura, a escultura e o audiovisual. Entre o time de artistas que participam da mostra estão Leaň, Adeloyá OjúBará, May Agontinmé e Ani



Ganzala.

“A intolerância religiosa é uma violência que atinge a todos, mas que tem um impacto particular sobre as pessoas que professam religiões de matrizes afro-brasileiras”, afirma Khadyg Fares, curadora da exposição e pesquisadora do MDS. “Essa mostra é uma oportunidade para refletir sobre a importância da diversidade religiosa e da luta contra o preconceito e a discriminação.”

A exposição é um projeto da curadora A TRANSĂLIEN, multiartista pernambucana. “A mostra busca valorizar a cultura afro-brasileira e as vozes das mulheres negras”, afirma A TRANSĂLIEN. “É um espaço de resistência e celebração da diversidade.”

Intolerância religiosa no Brasil

A data de 21 de janeiro foi instituída em 2007 para lembrar o assassinato da ialorixá Gildásia dos Santos e Santos, a Mãe Gilda, fundadora do terreiro de candomblé Ilê Axé Abassá de Ogum.

A intolerância religiosa é um problema grave no Brasil. Dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos apontam que, em 2022, foram registrados 1.200 casos de intolerância religiosa no país, um aumento de 45% em relação a 2021.

As religiões de matrizes africanas, como o candomblé, a umbanda e o quimbanda, são as principais vítimas da intolerância religiosa no Brasil. Segundo dados do Ministério da Mulher,

da Família e dos Direitos Humanos, em 2022, 73% das vítimas de intolerância religiosa eram adeptas dessas religiões.

Serviço

Xirê das Yabás: A Fertilidade do Mundo

Local: Centro de Referência e Empreendedorismo do MDS

Endereço: Av. São Luís, nº120 - República

Horário: Terça-feira a sábado das 10h às 18h30

Visitas mediadas: Terça-feira a sexta-feira (Manhã: 11h | Tarde: 16h)

Visitas mediadas em Libras: Quarta-feira às 16h

Entrada gratuita

Foto: Reprodução



RESERVA

CULTURAL

ESTREIA DA SEMANA

De 18 a 24/Janeiro

RESERVA
CULTURAL



SEGREDOS DE UM ESCÂNDALO . 14h20 - 19h00 - 21h10

VEJA PROGRAMAÇÃO COMPLETA www.reservacultural.com.br

SÃO PAULO

QUADRO A QUADRO

REDAÇÃO



Filme "A dama do Cine Shangai"

Foto: Reprodução

A Cinemateca Brasileira inaugura sua programação de 2024 comemorando o aniversário de 470 anos da cidade de São Paulo. A mostra São Paulo Quadro A Quadro é uma parceria com o Centro Cultural São Paulo e apresenta uma seleção de filmes que contam a história da cidade e do seu desenvolvimento sem ignorar suas contradições, cada vez mais evidentes nos dias atuais. Obras de épocas variadas exploram as paisagens e as experiências da população da cidade ao longo dos anos,

em um panorama marcado por transformações. Entre os dias 25 e 28 de janeiro, nosso público poderá assistir a clássicos como "São Paulo, a symphonia da metrópole", "Fragmentos da vida" e "São Paulo Sociedade Anônima", que abordam o progresso econômico da cidade, mas também trazem à tona questões como a concentração de renda, a desigualdade social e as delusões em uma sociedade industrial.

Personagens e cenários noturnos estão presentes em "Cidade oculta", em

que um clima "cyberpunk" emerge da cidade esfumada e sombria, e em "A dama do Cine Shangai" e a escuridão de uma sala de cinema, ponto de partida da história. O submundo do crime é pano de fundo de "O Bandido da Luz Vermelha", com uma ênfase em pontos degradados da cidade como a Boca do Lixo, e de "Pixote, a lei do mais fraco", que aborda a violência nas favelas e nas instituições socioeducativas.

"Perifericu" e "Corpo elétrico" constroem diferentes modos de

existir e ocupar a cidade. De forma semelhante, “Espero tua (re)volta” mostra a efervescência do movimento estudantil e de suas lutas, que se materializam em diversas escolas, ruas e avenidas. Por sua vez, “Diz a ela que me viu chorar” e “Era o Hotel Cambridge” expõem a precariedade, formas de organização e relações de afeto” em espaços de convívio coletivo para populações vulneráveis.

A mostra conta ainda com uma seleção de curtas-metragens, dentre eles, “Esta rua tão Augusta”, “Sob as pedras do chão”, “Bexiga ano zero”, “Mulheres da Boca” e “Rua São Bento, 405”, além de cópias restauradas de “A metrópole de Anchieta” e “Pixote, a lei do mais fraco”, e de um cinejornal recentemente catalogado e digitalizado no âmbito do projeto Nitratos da

Cinemateca Brasileira.

A programação é gratuita e os ingressos são distribuídos uma hora antes de cada sessão.

Serviço

São Paulo Quadro a Quadro

Cinemateca Brasileira | Largo Senador Raul Cardoso, 207 – Vila Mariana

Horário de funcionamento:

Espaços públicos: de segunda a segunda, das 08 às 18h

Salas de cinema: conforme a grade de programação.

Biblioteca: de segunda a sexta, das 10h às 17h, exceto feriados

Sala Grande Otelo (210 lugares + 04 assentos para cadeirantes)

Sala Oscarito (104 lugares)

Retirada de ingresso 1h antes do início da sessão

Quinta-feira, 25 de janeiro

17h

“Cine Jornal Informativo. V.5, N.004”

Obra do Projeto “Nitratos da Cinemateca Brasileira - Preservação e Acesso” (Pronac 212939, 2021)

Brasil, 1946, p/b, 10min, livre

Produção: Agência Nacional

Sinopse: A partir da leitura da carta de uma jovem integrante da Associação A Formiga ao ministro da Educação, o relato de uma excursão pela capital paulista que passou por diversos pontos da cidade que se desenvolvia em ritmo acelerado na primeira metade do século XX.

Esta obra foi processada no âmbito do Projeto “Nitratos da Cinemateca Brasileira - Preservação e Acesso” (Pronac 212939, 2021) patrocinado pelo Instituto Cultural Vale e Shell do Brasil.

Foto: Reprodução



Filme “A metropole de Anchieta”



Filme "Praça da Sé"

Foto: Reprodução

São Paulo sinfonia e cacofonia

Brasil, 1994, cor, 35mm, livre

Direção: Jean-Claude Bernardet

Sinopse: Composto por fragmentos de filmes, segue personagens no seu habitat: as ruas de São Paulo.

18h

"Esta rua tão Augusta"

Brasil, 1968, p/b, 11min, 12 anos

Direção: Carlos Reichenbach

Elenco: Waldomiro de Deus, Lindolf Bell, Enzo Barone

Sinopse: Cenas da Rua Augusta em 1967. Apresentação do comércio local, de transeuntes e de aspectos do trânsito. Mostra também a Galeria Ouro Fino e cenas de Waldomiro de Deus expondo seus quadros na calçada. Focaliza a Jovem Guarda nos tempos do Teatro Record e as músicas dessa época.

A dama do Cine Shanghai

Sessão com apresentação do diretor
Guilherme de Almeida Prado

Brasil, 1988, cor, 110min, 16 anos

Direção: Guilherme de Almeida Prado

Sinopse: Numa noite quente e úmida de verão, Lucas, um corretor de imóveis e ex-boxeador, entra em um cinema no centro de São Paulo. Na sala escura, conhece Suzana, uma bela e misteriosa mulher, muito parecida com a protagonista do filme. A partir desse encontro, aparentemente fortuito, o vendedor passa a viver uma aventura de suspense, e sua paixão o envolve num labirinto.

20h15

"A metrópole de Anchieta"

Brasil (SP), 1952, 11 min, 12 anos

Direção: Benedito Junqueira Duarte

Elenco: Paulo Machado de Campos

Sinopse: Fruto das comemorações

do quarto centenário da cidade de São Paulo, o documentário traz uma pequena síntese da história da cidade de São Paulo que se inicia com Martim Afonso em São Vicente, rememorando a fundação da cidade e sua importância como núcleo irradiador das bandeiras e "monções". Depois, busca mostrar de maneira vibrante e moderna a metrópole de hoje e os arranha-céus do planalto em meados do século XX.

"Cidade oculta"

Brasil (SP), 1986, 80 min, 16 anos

Direção: Chico Botelho

Elenco: Arrigo Barnabé, Carla Camurati, Cláudio Mamberti, Celso Saiki, Jayme del Cueto, Chiquinho Brandão, Jô Soares, Itamar Assumpção

Sinopse: Depois de cumprir pena de sete anos na cadeia, Anjo reencontra seu antigo comparsa, agora chefe de uma organização, e se envolve com



Filme "Cidade oculta"

Foto: Reprodução

Shirley Sombra, estrela do submundo. Ele também arruma inimizade com um policial corrupto.

Sexta-feira, 26 de janeiro

18h30

"Perifericu"

Brasil (SP), 2019, 20 min, cor, 14 anos

Direção: Rosa Caldeira, Vita Pereira, Nay Mendl, Stheffany Fernanda

Elenco: Ingrid Martins, Vita Pereira, Miriam Lima, Momô de Oliveira, Audre Verneck, Isma Almeida, Natt Maat, Manauara, Lorrán Lopes, Lucas Sodré, Mana Black, Ayron Nogueira

Sinopse: Luz e Denise cresceram no Grajaú, extremo Sul de São Paulo. Elas foram criadas em meio a canções de rap, louvores de igreja e passos de vogue. Colocadas à margem da sociedade, as duas se impõem contra o mundo amando, sonhando e sendo o que são.

"Espero tua (re)volta"

Brasil (SP), 2019, 93 min, cor, 12 anos

Direção: Eliza Capai

Elenco: Lucas Penteado, Marcela Jesus, Nayara Souza

Sinopse: Buscando compreender suas principais pautas a partir do ponto de vista dos estudantes envolvidos e com uma rica quantidade de imagens de arquivo, o filme traça um retrato do movimento estudantil que ganhou força a partir do ano de 2015, que ocupou escolas estaduais por todo o Brasil.

20h15

"Rua São Bento, 405"

Sessão com apresentação do diretor Ugo Giorgetti

Brasil (SP), 1976, 22 min, cor/p&b, 16 anos

Direção: Ugo Giorgetti

Sinopse: O filme conta a história do

primeiro arranha-céu de São Paulo, o prédio Martinelli, e registra depoimentos de seus últimos moradores, que tiveram que se mudar após a interdição do prédio pela Prefeitura do Município de São Paulo. Mostra a variedade de pessoas e de estabelecimentos comerciais que existiam dentro do tradicional edifício.

"O Bandido da Luz Vermelha"

Brasil (SP), 1968, 92 min, p&b, 16 anos

Direção: Rogério Sganzerla

Elenco: Paulo Villaça, Helena Ignez, Luiz Linhares, Sérgio Hingst

Sinopse: O assaltante apelidado pela imprensa sensacionalista de Bandido da Luz Vermelha assalta residências, realiza fugas ousadas e gasta o dinheiro de forma extravagante. Porém, uma vez encurralado, recorre a medidas extremas.

Sábado, 27 de janeiro**15h30***"Fragmentos da vida"*

Brasil (SP), 1929, 30 min, p&b, livre

Direção: José Medina

Elenco: Carlos Ferreira, Áurea de Aremar, Alfredo Roussy, Medina Filho

Sinopse: Na construção de uma São Paulo moderna, um trabalhador cai de um andaime e à beira da morte pede para o filho trilhar o caminho da honestidade, do trabalho e da honra. O filho, porém, prefere tornar-se um vagabundo. Por causa da dureza de sua realidade, e em busca do conforto da vida na prisão, ele faz de tudo para ser preso.

"São Paulo, a symphonia da metrópole"

Brasil (SP), 1929, 90 min, p&b, livre

Direção: Adalberto Kemeny, Rodolpho Rex Lustig

Sinopse: A cidade de São Paulo no final da década de 20. Urbanismo, moda,

monumentos públicos, industrialização, fatos históricos, expansão do café, educação e o burburinho do cotidiano.

17h45*"Sob as pedras do chão"*

Brasil (SP), 1973, 23 min, cor, livre

Direção: Olga Futemma

Sinopse: O Bairro da Liberdade, situado no Centro de São Paulo, é mais conhecido como "o bairro japonês". O filme mostra a imigração, os primeiros assentamentos japoneses, o dia a dia da comunidade e a relação entre tradição e assimilação cultural.

"Diz a ela que me viu chorar"

Sessão com apresentação da diretora Maíra Bühler

Brasil (SP), 2019, 86 min, cor, 16 anos

Direção: Maíra Bühler

Sinopse: Moradores de um hotel no centro de São Paulo vivem amores tumultuados por sua condição vulnerável e pelo uso abusivo de crack. O edifício

é parte de um programa municipal de redução de danos prestes a ser extinto. Entre escadas circulares, quartos decorados, viagens de elevador e ao som das músicas do rádio, os personagens são atravessados pelo espectro da solidão. O filme retrata um grupo de pessoas reunidas por laços fortes em frágil abrigo.

20h*"Praça da Sé"*

Brasil (SP), 1974, 10 min, cor, livre

Direção: Nilce Tranjan

Sinopse: Por meio de entrevistas com transeuntes e trabalhadores, o filme apresenta um retrato da população que frequentava a Praça da Sé, da situação do transporte público e do crescimento da região central de São Paulo, mostrando, também, a implosão de um prédio onde seria construída a Estação Sé do Metrô.

"Era o Hotel Cambridge"

Foto: Reprodução



Filme "O bandido da luz vermelha"

Brasil (SP), 2016, 93 min, cor, 12 anos

Direção: Eliane Caffé

Elenco: José Dumont, Carmen Silva, Isam Ahamad Issa e Guylain Mukendi

Sinopse: Uma criação coletiva entre o MSTC (Movimento Sem Teto do Centro), o GRIST (Grupo Refugiados e Imigrantes Sem Teto) e a Escola da Cidade, o filme narra a trajetória de um grupo de refugiados que divide com os sem-teto uma ocupação no centro de São Paulo. Na tensão diária pela ameaça de despejo, revelam-se pequenos dramas, alegrias e diferentes visões de mundo dos ocupantes.

Domingo, 28 de janeiro

15h

"Mulheres da Boca"

Sessão com apresentação da diretora Maria Inês Nunes de Castilho

Brasil (SP), 1981, 22 min, cor/p&b, 16 anos

Direção: Cida Aidar, Maria Inês Nunes de Castilho

Elenco: Rosa Negra, Walder Laurentis, Rosilda Matis, Flavia Castro e Castro, Goffredo Telles Neto

Sinopse: Na Boca do Lixo, centro de São Paulo, sob uma visão feminina, o cotidiano de prostitutas e de seus exploradores, cafetinas e malandros, parte de uma rede social ambígua, entre a malandragem e a corrupção.

"Corpo elétrico"

Brasil (SP), 2017, 94 min, cor, 16 anos

Direção: Marcelo Caetano

Elenco: Kelner Macêdo, Lucas Andrade, Welket Bungué, Ana Flavia Cavalcanti, Ronaldo Serruya, Henrique Zanon

Sinopse: O jovem Elias tenta equilibrar seu cotidiano entre o trabalho e encontros casuais com outros homens.

Na fábrica em que trabalha as responsabilidades aumentam e, depois de mais uma noite fazendo hora extra, Elias e os operários decidem sair juntos. Corpos cansados que buscam apenas uma cerveja para espairer. A partir desta noite, Elias percebe que a distância entre ele e o grupo é menor do que imaginava. É quando novas possibilidades de encontros surgem em seu horizonte.

17h20

"Bexiga, ano zero"

Sessão com apresentação da diretora Regina Jehá

Brasil (SP), 1971, 11 min, cor, livre

Direção: Regina Jehá

Sinopse: Retrato do bairro Bela Vista, tradicionalmente chamado Bexiga. Ocupado por imigrantes italianos no final do século XIX, o bairro passou por um processo de abandono e degradação ao ser rasgado por largas avenidas e viadutos.

"São Paulo Sociedade Anônima"

Brasil (SP), 1965, 107 min, cor, 12 anos

Direção: Luiz Sérgio Person

Elenco: Walmor Chagas, Eva Wilma, Darlene Glória, Otello Zelsoni, Ety Fraser

Sinopse: Apesar do sucesso na vida profissional, Carlos, um trabalhador da indústria automobilística paulistana, não consegue encontrar satisfação ou sentido no que faz. Sem perspectivas na vida para mudar a condição que rejeita, seu último recurso é fugir.

19h45

"Pixote, a lei do mais fraco"

Sessão com apresentação de Mira Babenco

Brasil (SP), 1980, 125 min, cor, 16 anos

Direção: Hector Babenco

Elenco: Fernando Ramos da Silva, Gilberto Moura, Edílson Lino, Jorge Julião, Marília Pêra, Jardel Filho, Rubens de Falco, Elke Maravilha

Sinopse: Vivendo a dura realidade do menor carente em um reformatório de São Paulo e revoltados com as injustiças dos administradores da instituição, quatro meninos fogem e passam a conviver com uma prostituta, envolvendo-se com traficantes de drogas e trapaceiros.

Sobre o Projeto Viva Cinemateca

O Viva Cinemateca foi lançado em junho como continuidade ao processo de retomada iniciado no ano passado. O projeto pretende ampliar e modernizar a Cinemateca Brasileira, fazendo com que ela ocupe definitivamente o seu relevante lugar na história do cinema brasileiro. Está prevista a ampliação dos espaços de laboratórios da instituição, garantindo que mais filmes e documentos possam ser preservados.

Assegura-se, dessa maneira a sobrevivência de mais de 120 anos de história do cinema e do Brasil. Outra importante frente do projeto contempla o restauro das edificações históricas, melhorando as instalações disponíveis para o público.

Desde 1997, a Cinemateca Brasileira está instalada em seu prédio atual: uma valiosa edificação em tijolos aparentes, remanescente da arquitetura industrial de São Paulo do século 19.

Além da mostra "A Cinemateca Brasileira", as ações de difusão também incluíram o Festival Cultura e Sustentabilidade, nos dias 10 e 11 de julho, e a Mostra Povos Originários Da América Latina, de 11 a 16 de julho.

CORTELLA E PHILÓ

REDAÇÃO

Pensar e falar sobre ética e outros temas filosóficos pode ser mais fácil e divertido. Essa é a proposta do professor e filósofo Mario Sergio Cortella em seu novo projeto, que transformará em cartum suas frases de impacto, lições e dicas, que sempre chegaram à sociedade pelos mais variados formatos: livros, televisão, rádio, jornais, revistas, palestras, vídeos e posts, sempre com muita reflexão e inspiração.

Agora essas mensagens vão alcançar novos públicos e diferentes classes sociais e idades com uma linguagem atual e poética, ilustrada em quadrinhos com os personagens Professor Cortella e a Coruja Philó. Em traços leves e alegres, o filósofo - com seu sorriso nos olhos, nariz romano e barba icônica - será complementado por Philó: sábia, questionadora e sagaz. Com seu olhar marcante, a coruja auxiliará o professor a provocar reflexões em seus leitores.

Mensagens e ideias em desenhos chegam de maneira lúdica às pessoas de qualquer faixa etária desde os tempos pré-históricos: elas transmitem ideias, conhecimentos e pensamentos de forma expressiva até os dias de hoje.

Daí surgiu a ideia de criar as tirinhas para juntar o extenso histórico acadêmico de Cortella, com suas características natas e desenvolvidas ao longo do tempo, para torná-lo o primeiro filósofo brasileiro em cartum: tom e timbre de voz sempre distinto e único, didático, autor de frases famosas, atual, popular, reflexivo e com conteúdo vasto para inspirar os quadrinhos.

André Cortella, diretor geral do projeto, publicitário com mais de 25 anos de experiência em Marketing Digital e Comunicação, resolveu criar essa nova vertente para expandir o conteúdo de Cortella, seu pai, quando assistia uma palestra do professor ao lado do filho, em 2018. "A proposta é que esse formato inédito para o acadêmico se some às suas palestras, livros, cursos e mídias sociais para levar suas reflexões e provocações filosóficas com desenhos a um público de múltiplas idades, culturas e classes sociais", destaca.

Após um trabalho para a proposição dos traços finais da obra, que contou com a participação de 5 estúdios e mais de 10 ilustradores, o Studio 58 foi o escolhido para realizar o projeto. "Admiramos e acompanhamos o tra-

balho do Professor Cortella há muito tempo, já estávamos felizes em participar dessa seleção, mas saber que fomos escolhidos entre tantos talentos, nos deixou muito honrados", conta Zana Costa, diretora de produção do estúdio. Os traços ficarão a cargo de Ednei Marx, graduado em Artes Visuais, caricaturista e animador dono do Studio 58. "Ainda com poucas obras já posso notar os traços se acomodando. Imagino, depois de algum tempo, como os personagens estarão mais à vontade nas artes, sorrindo, se esticando e se movimentando livre de um gabarito inicial", ressalta.

O roteiro ficará a cargo de Paulo Jebaili, jornalista e escritor, parceiro do professor Cortella desde 2007 como editor em mais de 20 livros do filósofo. Serão produzidas duas tirinhas semanais (8 por mês) para serem postadas nas redes oficiais de Cortella que reúnem em todas as suas redes mais de 20 milhões de inscrições ativas. "O projeto é marcado pelo ineditismo de levar a reflexão filosófica para a linguagem HQ, que, por si, facilita o alcance de diferentes públicos. O conteúdo do Professor Cortella permite uma variedade de

temas: reflexão filosófica, educação, cidadania, afetos e convivência, entre outros. Participar deste projeto é desafiador na proposta, estimulante no processo e gratificante no resultado”, enfatiza Jebaili.

Além do conteúdo filosófico acessível que os desenhos levarão a mais pessoas nas redes sociais, os planos da equipe para as tirinhas e charges incluem sua expansão de forma comercial no mercado do entretenimento e educação. Isso é possível porque as tirinhas podem ser adaptáveis para linhas de produtos para licenciamento (camisetas, livretos, canecas, bonecos etc) e podem ser replicadas em meios offline (jornais, revistas, livros e afins) ou online (blogs e redes sociais, que têm um poder de replicação e viralização bastante extenso).

Nos planos dos criadores também está o uso dos personagens para campanhas institucionais e expansão para o mercado internacional para divulgação das obras literárias e palestras do professor para outras fronteiras.

“Transformar parte da minha obra em tirinhas é um momento de celebração da vida e da oportunidade de estender o conhecimento filosófico para diferentes públicos. Sabemos quanto o lúdico pode estimular o pensamento crítico desde cedo e transformar vidas. O projeto desenvolvido pelo André, em parceria com o Ednei e com o Paulo, também complementa o diálogo que estabeleci com o público, agora por meio de ilustrações de leitura rápida, mas não menos profundas. Os quadrinhos são um modo de expressão capaz de nos conduzir por viagens filosóficas e trilhas do pensamento de maneira leve e curiosa”, enfatiza Mario

Sergio Cortella.

Doutor em Educação e professor titular aposentado da PUC-SP (na qual atuou por 35 anos), Cortella é referência quando se trata de motivação, mudanças, educação, ética, responsabilidade social, desenvolvimento pessoal e comprometimento. É autor de diversas obras como “Filosofia: e nós com isso?”, “Por que fazemos o que fazemos?” e

“Ser humano é ser junto”.

Ficha Técnica

Cortella e Philó

Idealização e Produção Executiva:

André Cortella

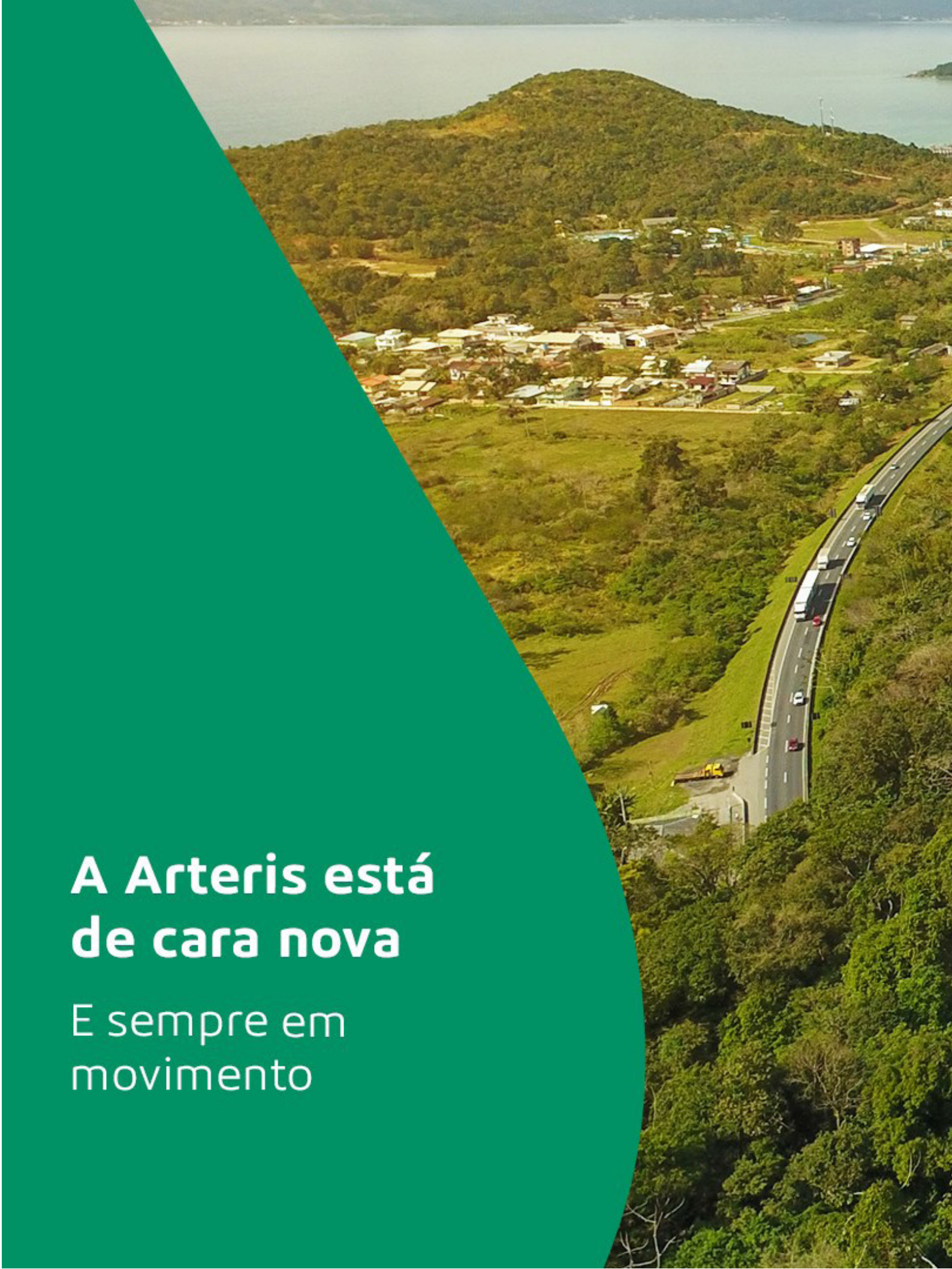
Roteiro e Redação: Paulo Jebaili

Ilustração e Finalização: Ednei Marx

Realização: OWLGA – Agência Boutique

Foto: Reprodução



An aerial photograph of a coastal town nestled at the base of a large, forested hill. A multi-lane highway curves through the landscape, with several vehicles visible. The town features numerous houses and buildings, some with red roofs. In the background, a body of water is visible under a clear sky. A large, teal-colored curved shape overlaps the left side of the image, serving as a background for the text.

A Arteris está de cara nova

E sempre em
movimento

RUBEM VALENTIM

REDAÇÃO

O MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand vem desenvolvendo, por meio de seu Centro de Pesquisa, um projeto de preservação de um conjunto de aproximadamente 19.000 documentos do artista Rubem Valentim, doado entre julho de 2019 e agosto de 2022, pelo Instituto Rubem Valentim no contexto da exposição Rubem Valentim: construções afro-atlânticas, em 2018. O museu

segue assim a tendência de museus norte-americanos – como o The Metropolitan Museum of Art (Nova York), o Hammer Museum (Los Angeles) e o Cooper Hewitt Collection (Nova York) – de investir na digitalização de seu acervo.

Rubem Valentim (Salvador, BA, 1922 – São Paulo, SP, 1991) foi escultor, pintor e gravador fundamental da arte brasileira e das histórias afro-atlânticas

no século 20. Suas composições geométricas, combinadas com elementos do modernismo brasileiro, traduzem a variedade da cultura nacional e dão forma a símbolos e emblemas afro-brasileiros.

A ampla coleção documental do artista doada ao MASP é composta por correspondências de personalidades, textos, cadernos de desenhos e esboços, documentos iconográficos, itens

Foto: Reprodução

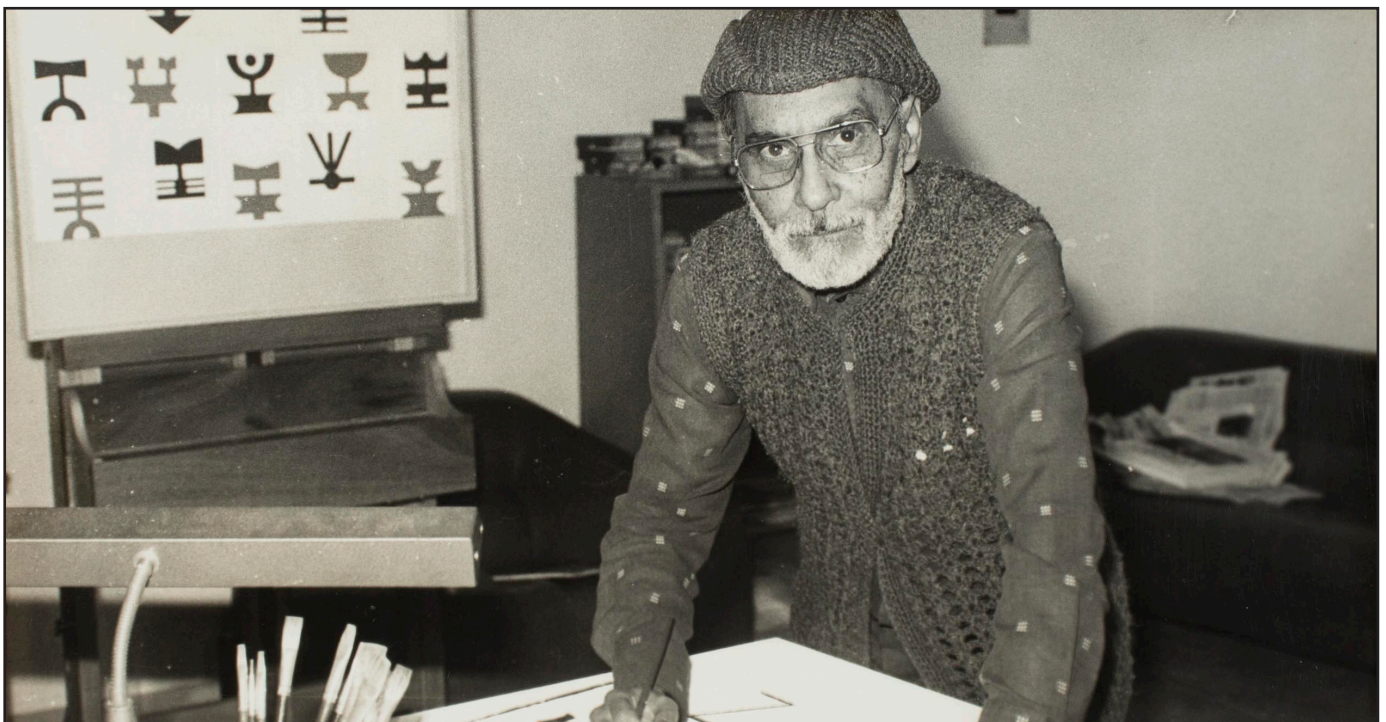




Foto: Reprodução

audiovisuais (gravações de entrevistas e depoimentos), livros, jornais e catálogos de mostras individuais e coletivas. Os registros referentes às exposições e a vida acadêmica de Valentim foram acumulados pelo artista e seus familiares ao longo das últimas décadas. Destacam-se os cadernos e os dossiês das exposições nacionais e internacionais, registros ainda inéditos para estudantes e especialistas da área.

A coordenadora do Centro de Pesquisa, Adriana Villela, reflete: “é uma tendência do núcleo arquivístico do museu receber coleções de artistas por se tratar de um material valioso para pesquisadores que se propõem a realizar um estudo profundo sobre determinada personalidade, além de dialogar com o objetivo institucional do MASP de preservar a memória das artes e institucional. Com todos esses esforços, o MASP visa fomentar a pesquisa sobre arte brasileira e contribuir para uma melhor compreensão do artista e de suas obras”.

Inicialmente, devido à contaminação biológica do material e da im-

possibilidade de manuseio seguro da documentação pela equipe do Centro de Pesquisa, o material foi submetido à desinfecção por radiação gama no IPEN (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares da Universidade de São Paulo). Após esse processo, a equipe realizou os trabalhos técnicos de identificação, higienização e descrição da documentação textual e do material fotográfico.

Atualmente, o núcleo está trabalhando na digitalização dos registros fotográficos da coleção em mais uma etapa para a disponibilização da documentação para os pesquisadores, algo que já ocorre com frequência, considerando os 80 atendimentos de pesquisas de instituições nacionais e internacionais (como CUNY Graduate Center, Sorbonne Université, Unicamp e Universidade Federal da Bahia) relacionadas ao fundo Rubem Valentim realizados entre 2022 e 2023.

“Além do conjunto de fotografias, o fundo conta com uma ampla documentação que ajuda a compreender melhor a trajetória do artista, algo muito impor-

tante para a pesquisa e raro no Brasil. Há um conjunto significativo de cartas, diários e documentos que informam tanto sobre as referências artísticas e teóricas de Valentim, quanto sobre sua atuação profissional para além do pincel e das telas – como o período em que deu aulas livres na Universidade de Brasília e a proposta de criação de um centro cultural na capital federal, temas ainda muito pouco estudados e que estou abordando em minha pesquisa de mestrado”, pontua Matheus de Andrade, assistente curatorial, MASP, e pesquisador do Fundo Rubem Valentim no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. “O arquivo permite, ainda, reposicionar a crítica sobre a obra de Valentim, rompendo definitivamente com uma ideia de autodidatismo, por exemplo, e com uma leitura de seu trabalho restrita às referências simbólicas dos terreiros de Candomblé. É preciso ampliar o debate”, conclui.

O MASP realizou, em 2018, uma grande exposição dedicada ao ar-

tista. Rubem Valentim: construções afro-atlânticas, integrava o programa daquele ano dedicado às Histórias afro-atlânticas. Com curadoria de Fernando Oliva, curador, MASP, a mostra apresentou, a partir de 90 obras do artista baiano, uma abordagem mais singular de sua obra, sublinhando seus aspectos políticos, religiosos e sobretudo afro-brasileiros.

“A obra de Valentim é única na história do século 20, pois desafia o cânone oficial ao oferecer resistência às conceituações simplificadoras de suas possibilidades. Não se deixa facilmente incorporar nem por uma nem por outra leitura: o ‘Valentim concretista’ não se permite apartar do ‘Valentim popular’ e do ‘Valentim religioso’, pois fazem parte de uma mesma percepção de mundo. Uma que busca a síntese das experiências, e não sua divisão”, argumenta o curador Fernando Oliva.

Atualmente o Acervo do MASP também passa por um projeto de processamento da documentação digital gerada pelas atividades de gestão de

seu acervo. Ao todo, mais de 20 mil imagens de obras e cerca de 30 mil documentos estão sendo identificados, classificados, descritos e armazenados em um repositório digital seguro a fim de garantir sua preservação digital a longo prazo e melhor eficiência dos processos de gestão.

O Centro de Pesquisa atende pesquisadores mediante agendamento, de segunda a sexta, das 13h às 18h. Para agendar uma visita, é necessário enviar um e-mail para centrodepesquisa@masp.org.br. Já para consultar as Obras Raras e Especiais, deve-se apresentar um documento que comprove vínculo institucional e uma carta da instituição que indique a finalidade da pesquisa.

Centro de Pesquisa

O Centro de Pesquisa possui um dos principais acervos especializados em artes do Brasil, com mais de 70 mil volumes, entre obras raras e especiais, e tem por objetivo preservar e oferecer acesso às publicações e à documentação do museu e sobre as artes. O núcleo

foi criado como Biblioteca do MASP no 30º aniversário do museu em 1977, quando Lina Bo Bardi (1914-1992) e Pietro Maria Bardi (1900-1999) doaram a sua coleção de livros. Na década de 1990, o núcleo ampliou suas atividades com a incorporação da documentação produzida pelas atividades realizadas no museu. A partir de 2017, com uma nova compreensão sobre a sua atuação, passou a ser chamado de Centro de Pesquisa.

Serviço

Projeto de preservação Fundo Rubem Valentim

Centro de Pesquisa

2º subsolo

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, 01310-200 São Paulo, SP

Telefone: (11) 3149-5959

Horários: Terça e quinta grátis. Terça, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas



SERVIDÃO

REDAÇÃO

“Abolição já! A outra não valeu”, é a chamada de *Servidão*, novo documentário do premiado diretor de *Pureza* (2022), Renato Barbieri, sobre o trabalho escravo contemporâneo com foco na Amazônia brasileira, que chega com exclusividade aos cinemas, dia 25 de janeiro.

A data é uma homenagem ao Dia Nacional de Combate ao Trabalho Escravo, que completa 20 anos, dia 28 de janeiro.

Lançamento da O2 Play, distribuidora da O2 Filmes, *Servidão* tem narração da artista Negra Li_. O documentário é um contundente registro sobre

uma das maiores mazelas do Brasil. Para o longa-metragem, foram ouvidos trabalhadores rurais escravizados em frentes de desmatamento no Norte do Brasil e abolicionistas de diferentes vertentes.

Para o diretor Renato Barbieri, da Gaya Filmes, embora as condições de trabalho análogas à escravidão sejam consideradas crime previsto pelo Código Penal Brasileiro, o regime da servidão é praticado no Brasil desde sempre, há cinco séculos. A Lei Áurea aboliu a escravidão clássica, que dava direito de propriedade e comércio dos escravizados, mas não transformou as

relações de trabalho, que perduram até os dias de hoje.

“O filme nasce como uma peça de resistência no combate ao trabalho escravo, com conceitos relevantes de como se opera a mecânica escravagista contemporânea no Brasil e de como a resistência abolicionista vem se organizando e ganhando força ao longo das últimas décadas. Estou certo de que, passados 135 anos da Lei Áurea, caberá a nossa geração o combate e a erradicação do trabalho escravo contemporâneo. Somente com a sociedade como um todo tomando o projeto abolicionista para si, isso será possível

Foto: Divulgação





Foto: Reprodução/Gaya Filmes

um dia e fato é que não podemos mais adiar isso”, declara Barbieri.

“Conforme fui conhecendo ‘em campo’ trabalhadores rurais que haviam sido escravizados, fiz uma seleção de personagens reais para o filme. O exemplo mais emblemático é o maranhense de Pindaré-Mirim, Marinaldo Soares Santos, que foi escravizado 13 vezes e liberto em três diferentes ocasiões pelo Grupo Móvel. Também conheci homens e mulheres engajadas na visão abolicionista. Profissionais atuantes em diferentes áreas da fiscalização e do combate ao trabalho escravo, como juízes, auditores, procuradores, agentes da sociedade civil e dos movimentos sociais. Todos foram inspirações para a realização de *Servidão*”, completa o diretor.

“Um documentário como esse, ao inundar a população de informação, acaba adubando ações da sociedade

civil, políticos e empresários, exatamente para desferir um golpe no coração do trabalho escravo moderno”, comenta o jornalista Leonardo Sakamoto, que participa do documentário.

Servidão deu subsídios para o roteiro do filme *Pureza*, com cenas que reproduzem o cenário de escravidão contemporânea, como do trabalhador Marinaldo Soares Santos, personagem principal presente no cartaz oficial do novo documentário, libertado pelo grupo móvel.

Ao longo de 40 anos de carreira, Renato Barbieri tem uma extensa conexão com o cinema de impacto social. O cineasta radicado em Brasília há mais de três décadas, já realizou diversos filmes e séries sobre temas ligados à negritude, africanidade e escravidão moderna, como *Pureza* e *Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás*.

Chacina de Unaí: a origem do Dia

Nacional de Combate ao Trabalho Escravo

Data foi criada em homenagem aos fiscais do trabalho Erastóstenes de Almeida Gonçalves, João Batista Soares e Nelson José da Silva, além do motorista Ailton Pereira de Oliveira, assassinados em 28 de janeiro de 2004, vítimas de uma emboscada, na zona rural de Unaí, Minas Gerais, enquanto apuravam denúncias de trabalho análogo à escravidão. José Alberto de Castro, acusado de contratar os executores que mataram os auditores foi condenado a 41 anos e 3 meses de prisão e fazendeiros Antério e Norberto Mânica, acusados de serem os mandantes dos assassinatos, receberam pena de mais de 50 anos de prisão por quádruplo homicídio, triplamente qualificado por motivo torpe, mediante pagamento de recompensa em dinheiro e sem possibilidade de defesa das vítimas. Dia 28 de

janeiro de 2024, a chacina completa 20 anos.

Servidão tem direção, roteiro e produção de Renato Barbieri, codireção e montagem de Neto Borges, e ainda conta com a presença de importantes personalidades, como: Dodô Azevedo: jornalista e diretor de cinema; Rafael Sanzio dos Anjos: primeiro Professor Titular Afrobrasileiro da Universidade de Brasília (UNB) e autor de estudos sobre as espacialidades das matrizes africanas; Alberto da Costa e Silva: diplomata, historiador brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras; Ana Maria Gonçalves: escritora; Marcelo Gonçalves Campos: auditor fiscal do Trabalho e historiador; Victor Leonardi: escritor, professor de História e pesquisador; Leonardo Sakamoto: jornalista, escritor e cientista político; Gladysson Pereira: professor mestre em História na Universidade Estadual

de Alagoas (UNEAL); Luis Camargo de Melo: advogado e procurador-geral do Trabalho (MPT, 2011 - 2015); Ricardo Rezende Figueira: padre, antropólogo, professor do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos Suely Souza de Almeida, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordena o Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo (GPTEC/UFRJ); Ela Wiecko: jurista, vice-procuradora-geral da República (MPF 2013-2013), membro do Ministério Público Federal e professora da Universidade de Brasília (UNB); João Roberto Ripper: fotógrafo documentarista e fotojornalista; Fabricia Carvalho: assistente social e professora; Cláudio Secchin: auditor fiscal do Trabalho (AFT); Binka Le Breton: escritora; Gildásio Silva Meireles: trabalhador rural - liderança; Sebastião Gonçalves: trabalhador rural; Aldemir Pereira: trabalhador rural; Xavier Plassat: frade

dominicano (CPT); Carlos Haddad: juiz Federal; Lelio Bentes: presidente TST; Antônio Carlos de Mello Rosa: diretor de Projetos no Brasil da Verité; Valderez Monte: auditora fiscal do Trabalho (AFT); Calisto Torres: auditor fiscal do Trabalho (AFT); Rachel Cunha: auditora fiscal do Trabalho (AFT); André Roston: auditor fiscal do Trabalho (AFT); Bené Florindo: auditor fiscal do Trabalho (AFT); Ruth Vivela: secretária de Inspeção do Trabalho (1993 -1998 e 2003 - 2011); Jônatas Andrade: juiz do Trabalho; José Marcelino: coordenador grupo móvel (AFT); Caio Magri: Instituto Ethos; Kailash Satyarthi: Prêmio Nobel da Paz (2014); e Paulo Paim: senador.

Serviço

Documentário Servidão

Estreia Nacional: 25 de janeiro de 2024

Duração: 72 minutos

Foto: Reprodução



RETRATO DE UM CERTO ORIENTE

REDAÇÃO

O filme Retrato de um Certo Oriente, dirigido pelo brasileiro Marcelo Gomes, está selecionado para a "Big Screen Competition" do Festival de Rotterdam (IFFR), que acontece entre 25 de janeiro e 4 de fevereiro na Holanda, Europa. Esta será a estreia mundial do longa-metragem, que é uma coprodução ítalo-brasileira baseada no romance do

Foto: Reprodução

escritor amazonense Milton Hatoum, "Relato de um Certo Oriente" – vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Romance em 1990.

Retrato de um Certo Oriente é um filme sobre memória, paixão e preconceito que acompanha a saga de imigrantes libaneses na floresta amazônica brasileira. No Líbano de 1949, dois ir-

mãos católicos, Emilie (Wafa'a Celine Halawi) e Emir (Zakaria Kaakour), embarcam para o Brasil fugindo da guerra. Durante a viagem, Emilie se apaixona pelo comerciante muçulmano Omar (Charbel Kamel). Emir sofre de um ciúme incontrolável e usa suas diferenças religiosas para separá-los.

"Fico extremamente feliz de estar





Foto: Reprodução

de volta ao Festival de Rotterdam, um lugar onde me sinto em casa e que foi fundamental no início da minha carreira. É um evento que celebra o cinema independente do mundo inteiro e uma vitrine para experimentação da linguagem cinematográfica”, declara o diretor Marcelo Gomes.

Retrato de um Certo Oriente é uma coprodução entre Matizar Filmes, Kavac Film, Gullane, Muiraquitã Filmes, Globo Filmes, Canal Brasil e Misti Filmes, com produtores associados Bubbles Project, VideoFilmes e Orjouane Productions. No Brasil, o filme será distribuído pela O2 Play, da O2 Filmes.

Ficha Técnica

Direção: Marcelo Gomes

Roteiro: Marcelo Gomes, Maria Camargo e Gustavo Campos

Direção de Fotografia: Pierre de Ker-

chove

Direção de Arte: Marcos Pedroso e Caterina Pepe

Montagem: Karen Harley

Música Original: Mateus Alves, Piero Bianchi e Sami Bordokan

Figurino: Rô Nascimento, Maria Diaz e Fabio Cicolani

Caracterização: Mari Pin, Sonia Penna, Antonio Esposito e Giuseppina Um-maro

Som Direto: Moabe Filho, Pedrinho Moreira, Giacomo Vitiello e Antonio Casparriello

1ª Assistente de Direção: Maria Clara Escobar

Pós-Produção de Som: Fernando Aranha, Bruno Armelin, Bernardo

Adeodato e Cristiano Scherer

Pós-Produção de Imagem: Clandestino

Supervisão Internacional: Manuela

Mandler e Laura Rossi

Distribuidora: O2 Play

Produção: Matizar Filmes (Brasil)

Coprodução: Kavac Film (Itália), Gullane (Brasil), Misti Filmes (Brasil), Muiraquitã Filmes (Brasil), Globo Filmes (Brasil) e Canal Brasil (Brasil).

Produção Associada: Orjouane Productions (Líbano), Bubble Projects (Brasil) and VideoFilmes (Brasil)

Produtores: Guilherme Coelho, Mariana Ferraz e Ernesto Soto Canny

Produtores Associados: Sabine Sidawi, Tatiane Leite, Emmanuelle Déprats e Maria Camargo

Coprodutores: Eliane Ferreira, Simone Gattoni, Patrick Carrarin, Fabiano Gullane, Caio Gullane e André Novis

Produtores Executivos: Mariana Ferraz, Ernesto Soto Canny, Eliane Ferreira, Mauro Pizzo e Patrick Carrarin

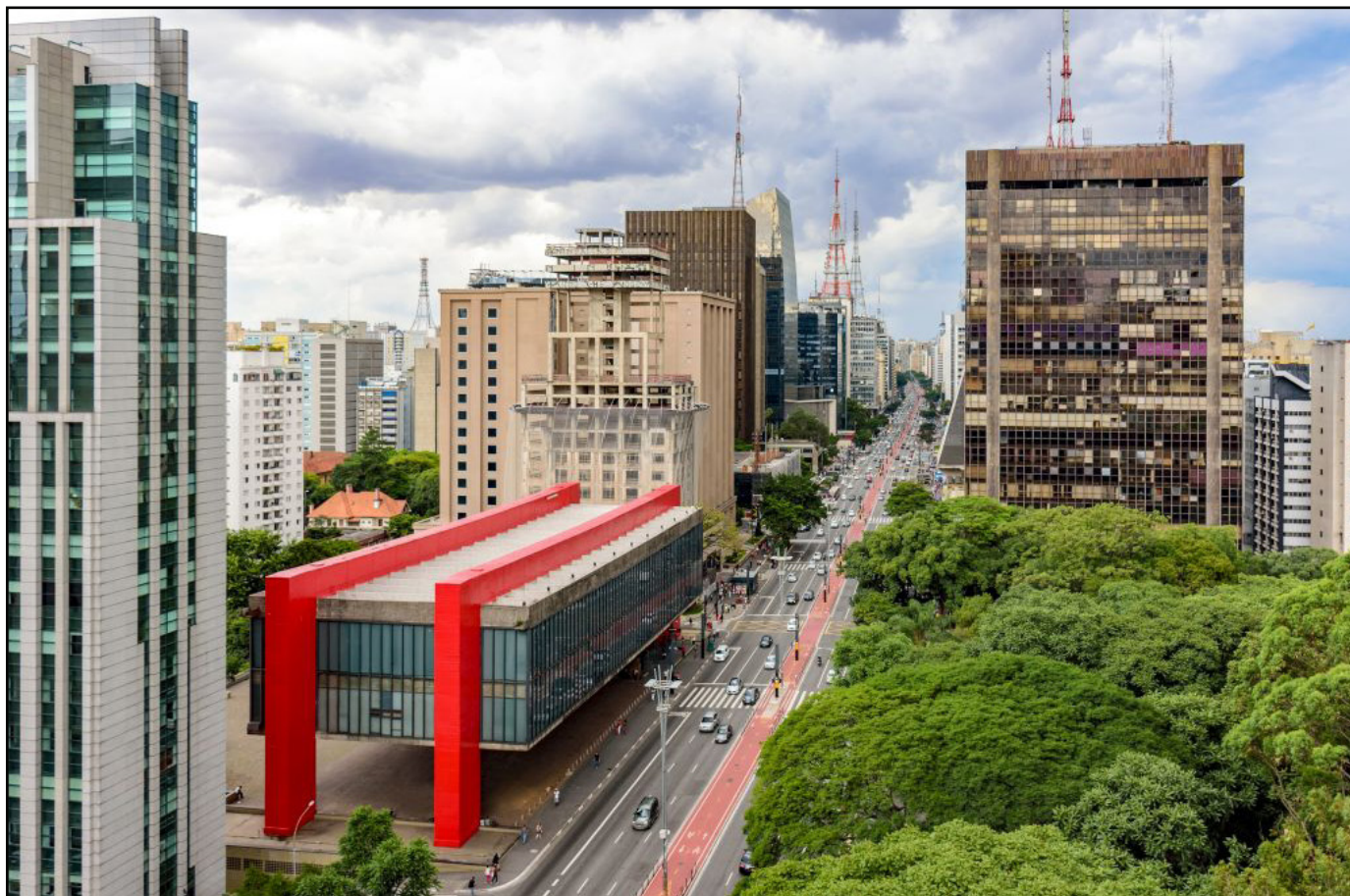


Foto: DepositPhotos

SP 470 ANOS

REDAÇÃO

A capital paulista comemora 470 anos na próxima quinta-feira (25) e a Prefeitura de São Paulo preparou uma programação gratuita especial para celebrar a data. Com atrações como Lexa, Naiara Azevedo, Marvvila, Luciana Mello, Eliana de Lima, Mart'nália e atividades infantis, a festa com o tema "Elas cantam São Paulo" acontece em seis palcos espalhados por todas as regiões da capital.

O tema escolhido é uma reverência a grandes mulheres que ajudam a construir a identidade cultural de nossa cidade. Divas da música brasileira farão

uma homenagem emocionante a cidade de São Paulo, cantando simultaneamente nos 6 palcos montados em diferentes pontos da capital.

"Elas cantam São Paulo" é o presente da cidade para todas as paulistanas", afirma a secretária municipal de Cultura, Aline Torres. "Reverenciar o protagonismo e a força das mulheres, ampliando a necessidade desse palco para todos os gêneros através da música e de grandes artistas do cenário brasileiro", complementa.

A programação inclui atividades para crianças e a festa ocorre de ma-

neira descentralizada, uma das marcas da atual gestão que busca universalizar a cultura.

Os palcos da festa estarão montados na Avenida São João (esquina com a Ipiranga), no Teatro Flávio Império (Zona Leste); no Centro Cultural da Juventude (Zona Norte), no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes (Zona Leste), na Casa de Cultura Butantã (Zona Oeste) e na Casa de Cultura Campo Limpo (Zona Sul).

A programação também se espalhará por vários equipamentos culturais da cidade e pode ser acessada



Mart'nália se apresenta
no aniversário de São
Paulo

Foto: Stucky

no site sp470anos.prefeitura.sp.gov.br/viva-a-cidade-viva/.

Tarifa gratuita

Para que os munícipes aproveitem a programação, que acontece em vários pontos da cidade, a Prefeitura vai garantir a gratuidade da tarifa em todas as linhas dos ônibus municipais, assim como aconteceu nos feriados do Natal (25/12) e do Ano Novo (1/1). O Domingão Tarifa Zero - explore, descubra, viva São Paulo, implantado no dia 17 de dezembro, já possibilitou que 16,2 milhões de passageiros usufruíssem da medida.

Programação

Centro - São João

Apresentação - Mestre de Cerimônia

Juliana Sanchez

11h - Infantil - Viradinha

digitaltvmidia.com.br/kultura

Terça-feira, 23 de janeiro de 2024

Música - DJ Vivian Marques

Música - DJ Lela Lima

14h - Música - Clube do Balanço

16h - Música - Demônios da Garoa

18h - Música - Baby do Brasil

20h - Música - Naiara Azevedo

Norte - Centro Cultural da Juventude

Apresentação - Mestre de Cerimônia

Leticia Kor

12h - Infantil - Viradinha

Música - DJ Juliana Gil

14h - Música - Torya

16h - Música - Slipmami

18h - Música - Lexa

*Leste - Centro de Formação Cultural
Cidade Tiradentes*

Apresentação - Mestre de Cerimônia

Negaly CT

12h - Infantil - Viradinha

Música - DJ Vivi Varela

14h - Música - Mc Tha

16h - Música - Tati Quebra Barraco

18h - Música - Marvvila

Oeste - Casa de Cultura do Butantã

Apresentação - Mestre de Cerimônia

Letícia Maria

10h - Infantil - Intervenção Infantil

no Pátio

12h - Música - DJ Baile de Samba

Rock

14h - Música - Dinho Nascimento

Música - DJ Ju Salty

16h - Música - Crypta

18h - Música - Karina Buhr

Sul - Casa de Cultura Campo Limpo

Apresentação - Mestre de Cerimônia

Renata Alves

12h - Infantil - Viradinha

Música - DJ Esteves



Foto: Divulgação

14h - Luciana Mello

16h - Padre Alessandro Campos

18h - Música - Yasmin Santos

Leste - Teatro Flávio Império

Apresentação - Mestre de Cerimônia

Day Ramos

12h - Infantil - Viradinha

Música - DJ Anazu

14h - Música - Eliana de Lima

16h - Triz

18h - Música - Mart.nália

SPcine

Em comemoração ao aniversário de 470 anos da cidade de São Paulo, a Prefeitura tem uma programação especial, realizada pela Spcine, que contempla sessão do Cineclube Spcine, no Vale do Anhangabaú, duas estantes de filmes na Spcine Play e um workshop de formação audiovisual.

No próximo dia 25 de janeiro, às 19h, São Paulo será palco de um evento

cinematográfico no Vale do Anhangabaú. A sessão especial do Cineclube Spcine promete uma experiência cinematográfica inesquecível para os paulistanos. O evento marca a pré-estreia do curta-metragem "Fluxo, o Filme", dirigido por Filipe Barbosa, ex-agente cineclubista da Spcine.

A produção traz um retrato autêntico da juventude periférica em contato com a música, memória e a cidade de São Paulo. Além disso, "Fluxo" será exibido no prestigiado festival Lift-Off Global Network Film Festival, em Londres, destacando a qualidade e relevância internacional da produção.

Após a projeção de "Fluxo", será exibido um clássico de 1968, "O Bandido da Luz Vermelha", de Rogério Sganzerla. Um marco do cinema marginal brasileiro, a obra tem a cidade de São Paulo como pano de fundo, explorando a trajetória do anti-herói Jorginho.

No mesmo dia, das 14h às 18h, a Formação Spcine promove, no Centro Cultural São Paulo (CCSP), o Workshop: Sons de São Paulo - Captação e Linguagens do Áudio. A ação contará com a participação de dois renomados profissionais do ramo, Gabriel Naka (Manga), técnico de captação, eventos e diretor audiovisual; e Azul Marinha, Diretora de Arte, dramaturga e roteirista. Serão 20 vagas e para participar do workshop é necessário fazer a inscrição clicando aqui.

Esse workshop introdutório na área de áudio, traz narrativas de criação e núcleos do mercado de captação. A proposta é abordar quais tipos de linguagens, equipamentos e equipes são necessários para uma boa captação e montagem criativa.

Complementando a programação especial, a Spcine Play anuncia o lançamento de duas estantes especiais,

ANIVERSÁRIO SP

enriquecendo ainda mais a experiência cinematográfica dos espectadores e que podem ser acessadas gratuitamente de qualquer lugar do Brasil. As estantes “Feliz Aniversário, São Paulo!” e “Filmes Apoiados pela Spcine” foram cuidadosamente elaboradas para destacar e homenagear a rica história da cidade e o apoio dedicado à produção cinematográfica local.

A estante “Feliz Aniversário, São Paulo!” oferece uma seleção exclusiva de 15 filmes que capturam a essência e a diversidade da cidade ao longo dos anos. Entre os destaques, está o aguardado lançamento do documentário “Uma Outra Cidade”, dirigido por Ugo Giorgetti. “Uma Outra Cidade” é uma colaboração entre a SP Filmes de São Paulo e a TV Cultura, proporcionando uma visão única da São Paulo dos anos

50 e 60 através dos olhos de jovens poetas. O documentário busca não apenas retratar a aparência da cidade naquela época, mas também contextualizar o ambiente cultural, incorporando influências literárias, filmes e pensadores da época.

Com a missão contínua de apoiar e promover o cinema nacional, a estante especial “Filmes Apoiados pela Spcine” é composta por 11 filmes que destacam a diversidade e qualidade das produções que receberam apoio da Spcine através dos Editais.

Serviço

Sessão Cineclube no Vale do Anhangabaú:

Data e Horário: 25/01, às 19h.

Localização: Vale do Anhangabaú (tenda montada próximo ao viaduto do

Chá, ao lado do metrô Anhangabaú).

Entrada: Gratuita e aberta ao público (por ordem de chegada até atingir a capacidade total do local). Capacidade: 200 pessoas.

Pipoca de Graça: A Spcine oferecerá pipoca gratuita durante toda a sessão, garantindo que todos possam desfrutar da noite de cinema com o máximo de conforto.

Workshop:

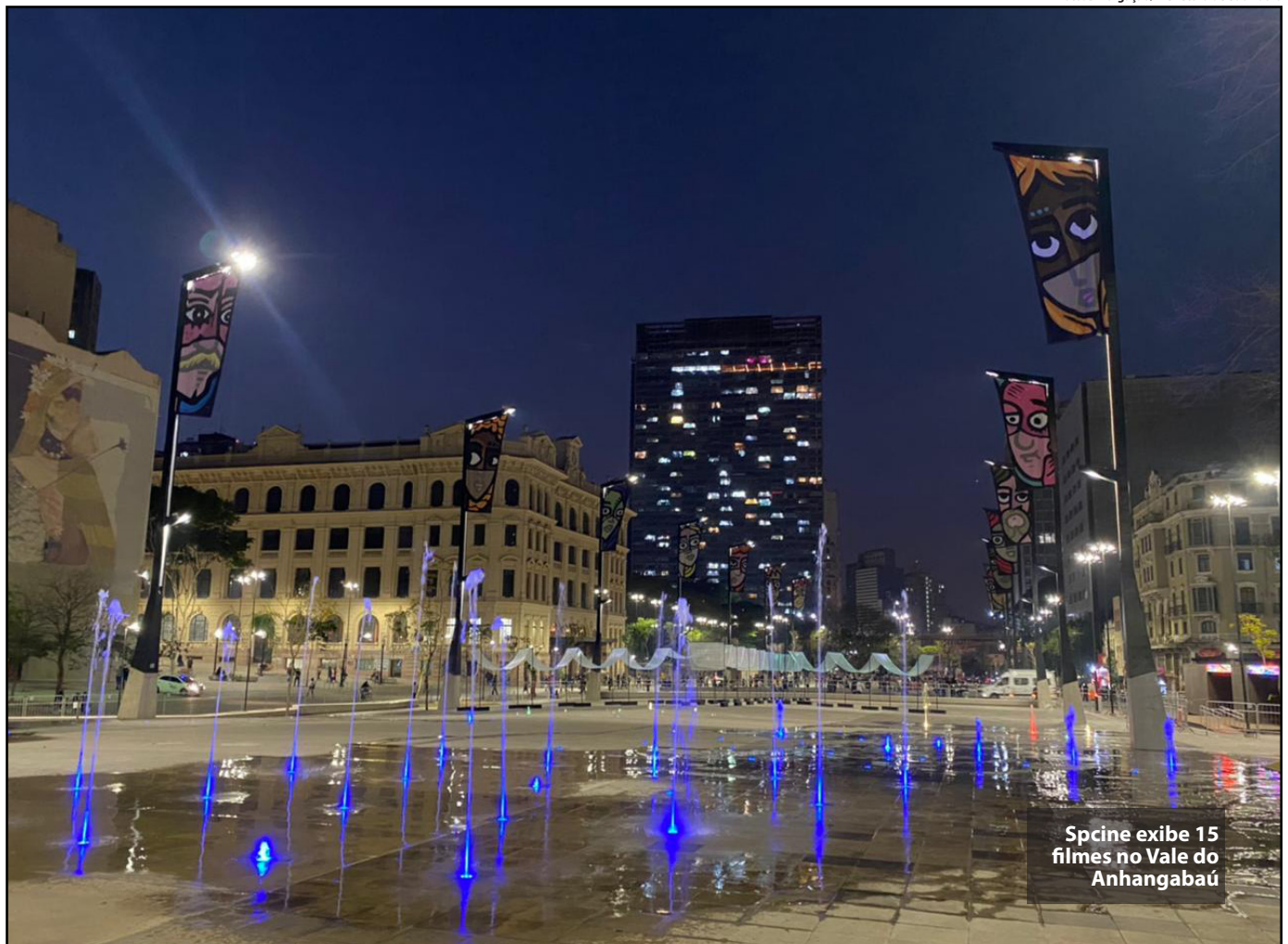
Data e Hora: 25/01, das 14h às 18h

Local: Centro Cultural São Paulo - Rua Vergueiro, 1000 - Liberdade, São Paulo – SP

Entrada: A participação é presencial, sujeita a alteração de acordo com as condições locais.

Inscrições: <https://docs.google.com/forms/d/e/>

Foto: Divulgação/Prefeitura de São Paulo



"O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?"

Não proteger a infância
é censurar o futuro.



MPT

Ministério Público do Trabalho